

A IMPRENSA JUDAICA DE LIVORNO E A FORMAÇÃO DO JUDAÍSMO MARROQUINO NA AMAZÔNIA

THE JEWISH PRESS OF LIVORNO AND THE FORMATION OF MOROCCAN JUDAISM IN THE AMAZON

Renato Athias*

Resumo: Este texto apresenta informações sobre a imprensa e a produção de livros em hebraico, a sua disseminação em vários lugares importantes, onde se entrevê a formação e institucionalização do judaísmo hispano-português na Europa, principalmente após a expulsão dos judeus da Península Ibérica, bem como servira de base para a formação do Judaísmo marroquino na Amazônia. Ao problematizar essa institucionalização da produção gráfica de livros judaicos, percebe-se uma relação com a consolidação do Judaísmo marroquino na Amazônia, buscando também apontar observações a partir da realidade amazônica coletadas através de entrevistas com personalidades-chave no judaísmo marroquino na Amazônia. Livorno representou o lugar catalizador, do *modus vivendi* para o desenvolvimento do judaísmo sefardita na grande diáspora.

Palavras-Chave: Livorno. Judaísmo Marroquino. Imprensa Judaica. Literatura litúrgica. Amazônia.

Abstract: This text presents information about the press and the production of books in Hebrew, their dissemination in several important places, where one glimpses the formation and institutionalization of Hispano-Portuguese Judaism in Europe, mainly after the expulsion of the Jews from the Iberian peninsula, as well as serving as a basis for the formation of Moroccan Judaism in the Amazon. By problematizing this institutionalization of the graphic production of Jewish books, a relationship with the consolidation of Moroccan Judaism in the Amazon is perceived, also seeking to point out observations from the Amazonian reality collected through interviews with key personalities in Moroccan Judaism in the Amazon. Livorno represented the catalyst for the *modus vivendi* development of Sephardic Judaism in the great diaspora.

Keywords: Livorno. Moroccan Judaism. Jewish Press. Liturgical Literature. Amazon.

* Doutor em Antropologia, Professor no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.
Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-5041-5496>>.

Preâmbulo

"Città ideale, voluta dai primi Granduchi di Toscana, disegnata nella perfezione di un pentagono, Livorno è come un gioiello incastonato tra il verde delle colline e il mare aperto. Quel mare che dalla costa sembra non finire mai, che qui ha portato popoli e tradizione di terre lontane" ¹

Lembro-me muito bem da primeira vez que Livorno entrou na minha memória. Foi quando o meu pai Salomão Athias, no final dos anos oitenta ele me deu cinco livros que pertenceram ao meu avô Jacob. Todos esses livros tinham sido impressos em Livorno no final do século XIX e início do século XX. Eu fiquei sabendo mais sobre Livorno quando lia sobre a diáspora sefardita expulsa da Península Ibérica no final do século XV. Foi exatamente nessa mesma época que Livorno se estabeleceu como uma *Città*, uma cidade livre, com um porto relevante na atual Itália, no mar da Ligúria. Eu tive a oportunidade de passar o Shabat Vayigash, no último dia do ano de 2022 em Livorno, na Toscana, Itália. Havia vários anos que estava pretendendo visitar essa importante cidade do mundo sefardita. Na realidade, para mim, Livorno representa um lugar central, catalizador, de um *modus vivendi* para o desenvolvimento do judaísmo sefardita hispano-português na grande diáspora, após a dispersão dos judeus sefarditas após 1492, muito mais além do que o quadro mundialmente famoso de Salomon Alexander Hart retratando a festa de Simchá Torá na famosa sinagoga daquela cidade em 1850. (FIG.1)

Os Judeus que rejeitaram abandonar a sua identidade étnica se dirigiram para diversos lugares: Magreb, Cidades-estados italianos, o Império Otomano e outros lugares da Europa, como Antuérpia, Amsterdã, Hamburgo, Bordeaux, Londres entre outras. Além dos sefarditas expulsos que se dirigiram ao Império Otomano, onde seriam bem recebidos. Sabendo dessa expulsão, o sultão Bayezid II despachou as embarcações a fim de levar os Judeus em segurança até as terras otomanas, principalmente as cidades de Salônica (atualmente na Grécia) e Esmirna (atualmente na Turquia). Muitos desses Judeus também se espalharam noutras partes dos Bálcãs sob domínio otomano, como as áreas que hoje são a Bulgária, a Sérvia e a Bósnia, nomeadamente a cidade de Sarajevo. Sobre o decreto de Alhambra, Bayezid teria dito "aqueles que dizem que Fernando e Isabel são sábios, na realidade são tolos; pois ele me deu, o seu inimigo, o seu tesouro nacional, os Judeus".

¹ Vivere le Terre d'Acqua, texto de Federica Falchini, Valentina La Salvia & Giaele Mulinari, publicado pelo Centro Studi Turistici, Livorno, 2021, p. 11.

Como amazônida, do Pará, percebi um fato significativo, pois em toda a Amazônia, a maioria dos Sidurim (livros de rezas) e as publicações da Torá (Pentateuco/Bíblia) que haviam na imensa região e que eram utilizados nas sinagogas, tanto nas de Belém, quanto na de Manaus, e sobretudo nas casas de reunião (beit kneset), ao longo do Rio Amazonas, vinham impressos com a marca característica da imprensa judaica de Livorno [שלמה – בילפורטי - ליוורנו], como esses que pertenceram ao meu avô, que faleceu em Alenquer, em 1974 (FIG. 2), que guardo como um enorme carinho e que fazem parte de uma coleção de livros da Torá com as referidas porções das *haftarot* (textos dos Profetas), para cada uma das *parashiot* (porções do Pentateuco lidas no sábado).

Mais tarde, com o passar dos anos, eu aprendi muito mais coisas sobre Livorno, que me foram passadas pelo amigo Isaac Dahan, Sheliach Tsibur da comunidade judaica de Manaus, que também tem esses mesmos livros impressos em Livorno, deixados por seu pai, Shalom Dahan, de memória abençoada. O nosso amigo, Yehuda, me disse recentemente, que o seu pai, Moisés Benguigui, de abençoada memória, era também possuidor de vários Sidurim. Machzorim, Chumashim impressos também em Livorno, e que ele teve o privilégio de herdar, bem como o de seu avô materno, Marcos Alves z”l, que primeiramente vai de Livorno para Rabat, e depois vem para o Brasil, em 1880. Logo que eu postei parte deste texto em meu site de crônicas, recebi de meu amigo de Montreal, professor Jim Archibald, uma fotografia de um dos livros impressos em Livorno que ele possui hoje em Montreal, porém vindo da Turquia.

A imprensa judaica de Livorno produziria os principais livros também para as comunidades judaicas do norte da África, comunidades Hispano-Portuguesas na Europa e nos Estados Unidos, como bem informa a historiadora ítalo-americana Francesca Bregoli (2011), segundo a qual Livorno exerceu um papel (ainda pouco conhecido) na divulgação das ideias iluministas, tanto na Itália quanto para além. Este Iluminismo, a grande “Idade da Razão” que foi definida como o período do rigoroso discurso científico, político e filosófico que caracterizou principalmente a sociedade europeia durante o “longo” século XVIII, desde o final do século XVII, até o fim das Guerras Napoleônicas em 1815, caracterizando muito bem o papel daquela cidade italiana durante o período (BREGOLI, 2011, p.171).

Em outras palavras, a história dos judeus em Livorno e seu desenvolvimento econômico, político e institucional estão relacionados às transformações do estado toscano moderno e, sobretudo, ao importante crescimento de seu comércio marítimo entre as principais cidades do Mediterrâneo. A dinastia dos Médici, poder político na Toscana, promoveu e buscou ativamente o estabelecimento de uma comunidade judaica em Livorno no Toscana. Portanto, o desenvolvimento dessa comunidade judaica deve ser estudado em conjunto com a

reorganização do próprio porto de livre comércio de Livorno promulgado pela Lei Livornesa de 1593. Entre outros privilégios, a Lei de Livorno que concedia relativa proteção do Santo Ofício aos conversos proporcionando-lhes um status de judeus de Livorno e súditos da Toscana, com incentivos econômicos e isentando-os de usarem sinais distintivos. Além disso, concedeu à comunidade judaica autonomia jurisdicional significativa em casos civis e criminais, bem como na posse de imóveis. Um status bem diferente e mais avançado que em outras cidades-estado da Itália neste período. Outro aspecto importante, ainda bem presente na tradição oral dos judeus de Livorno foi a singularidade dessas prerrogativas, na medida em que os judeus no resto da Itália, na realidade, eram segregados em guetos, forçados a usar sinais de identificação e, sobretudo, proibidos de possuir propriedades durante a maior parte do início do período moderno, tal como assinala muito bem Francesca Trivellato (2020, p. 123-124).

Imprensa Judaica

Na realidade existiu uma grande parte da produção de uma importante literatura litúrgica em hebraico nas cidades de Veneza e Florença antes mesmo que Livorno entrasse no cenário internacional com as suas gráficas e a produção de obras em hebraico, também responsáveis por uma ampla distribuição de livros com uma conexão importante, sobretudo, na vida ritual de várias comunidades judaicas, o que seria interessante para um estudo posterior com o rico material existente na literatura sobre os judeus na Itália nesse período histórico.

Aquelas gráficas certamente possibilitaram uma distribuição muito mais ampla da literatura litúrgica (*sidurim* e *mahzorim*), de livros de rezas que, na realidade, instruíam as diversas tradições e, sobretudo eram vistos como guias para celebrações judaicas, como as *Hagadot* para Pessach e livretos com as *brachot* (rezas) para após as refeições. Certamente, não menos importantes foram os livros de *minhaguim* (tradições, costumes) que possibilitavam as descrições de diferentes tradições rituais. Nesse aspecto, seria interessante averiguar, sobretudo, o fato de que possibilitou as diferentes sinagogas, possuindo esses *sidurim*, estudar, transformar e compreender a natureza do próprio serviço litúrgico, contribuindo assim para a fusão dos ritos locais e a consolidação das liturgias bem específicas. Advogo neste texto sobre a institucionalização do rito hispano-português entre os sefarditas, que vai para além fronteiras da Península Ibérica, pelos comentários e instruções incluídos nas publicações. Isso possibilitava, de fato, que a gráfica de Livorno pudesse inclusive imprimir livros personalizados para grupos de tendências religiosas específicas, bem como o papel do editor como sendo um

mediador entre o texto sobre as tradições litúrgicas e o leitor. Na realidade, o editor não precisaria imaginar um público que pudesse comprar o produto impresso; em vez disso, pois o mercado já estava pronto. Ele, o editor, conhecia os leitores em diversas localidades, e pôde adaptar o produto às suas necessidades específicas, tal como assinalado no excelente capítulo do livro de Michaela Andreatta (2011)².

Os estudos sobre a produção gráfica e editorial da imprensa em língua hebraica durante esse período mostram livros de orações encomendados por comunidades judaicas não só de inclinação mística oferecendo importantes assertivas de caso, principalmente da na popularização e disseminação de novas práticas rituais cabalísticas nos séculos XVII e XVIII, mas também explora como um grupo particular, com interesses específicos, poderia fazer uso da tecnologia gráfica para promover a sua causa.

Na realidade, Francesca Bregoli (2011, p.75) assinala que o aparecimento da imprensa judaica no século XVIII na Toscana, se dá efetivamente em Florença, porém a “dinâmica de tensões entre Florença e Livorno, cidade periférica sob a guarda dos grão-duques da Toscana, desloca para Livorno o lugar central na produção de livro em hebraico, e aqui se percebe um paralelo importante entre negociantes daquelas cidades. A relação com as gráficas e o poder central, buscava disciplinar a produção gráfica, principalmente nas reformas posteriores da legislação local em Livorno iniciada pela dinastia de Lorena.

Teria sido o filho de Isaac ben Solomon Gabbay, Yedidiah, o fundador da primeira gráfica de livros judaicos em Livorno, com o apoio direto do Grão Duque Ferdinand II claramente favorecido em detrimento de outro competidor, Moses ben Judah Cassuto. As autoridades da Toscana pensavam estrategicamente que o comércio de livros em hebraico de Livorno poderia movimentar a economia na Toscana, sobretudo em negócios com os Otomanos e cidades do Norte da África. No entanto, como foi muito bem notado por Bregoli (2011, p. 177) para que a imprensa judaica de Livorno pudesse alcançar o sucesso, seria preciso atuar fortemente contra o preconceito cristão em relação aos judeus, daí o força da Lei Livornesa em proteção especial aos judeus provenientes da Península Ibérica.

Outro assertiva/ponto da pesquisa de Francesca Bregoli que vale a pena assinalar são as informações estatísticas, muito importantes sobre a produção gráfica e, sobretudo os dados da distribuição desses livros em hebraico, que saem da gráfica de Livorno, para as mais importantes cidades do Mediterrâneo, bem como para norte da Europa. Porém não se tem os

² Professora de Língua e Literatura Hebraica na Universidade de Rochester, com cursos sobre hebraico bíblico e moderno, além de aulas de literatura hebraica e história judaica, recentemente premiada com a Cátedra Wilmot pela Escola de Artes, Ciências e Engenharia.

detalhes sobre os livros impressos em hebraico e que chegaram à Amazônia, até mais ou menos antes da II Guerra Mundial, como aqueles assinalados acima. E, nesse sentido acredito que possamos perceber neste fato, a grande influência de Livorno no Judaísmo Marroquino da Amazônia. Talvez valha a pena investigar melhor essa hipótese.

Alguns exemplos da grande influência de Livorno no comércio do Mediterrâneo e sua abertura para o resto da Europa e norte da África. Livorno vai manter importante e estreita relação comercial com Tunis (Tunísia), veja-se por exemplo o texto de Nimerod E. Koren (2018) que explicita muito bem essa relação. Bem como a relação com a comunidade judaica portuguesa de Hamburgo (Alemanha), no livro de Cassuto (1930), e com outros lugares importantes para o mundo sefardita. Observa-se nesta literatura, que Livorno desenvolve um know-how e exporta para o mundo ocidental, para além da Península Ibérica, o atual judaísmo sefardita.

Talvez, uma das curiosidades acadêmicas que despertam no momento em que escrevo este texto, sobre esses sidurim que chegaram às comunidades judaicas da Amazônia, são os livros em djudeo-arab [ערביה יהודיה], língua chamada também, de *Arbiah*, pelos judeus marroquinos da Amazônia. Textos impressos em caracteres hebraicos, porém com a pronúncia árabe de um conteúdo judaico, todos produzidos em Livorno. Acredito que de fato, considerando esses aspectos, seria interessante saber mais sobre a importância daquelas gráficas para a manutenção do judaísmo marroquino na Amazônia e outros lugares do mundo sefardita na grande diáspora. Outro fato que mostra muito bem a forte distribuição das publicações de Livorno é o livro Shir Hashirim (Cantos dos Cânticos) impresso em Livorno e utilizado por José Benedito Cohen, João de Deus e Jamil Haddad³ na primeira tradução direta do hebraico para o português e publicado em edição comentada de 1944, o frontispício da edição de Livorno é impresso nessa edição [Fig 3]

Judeus de Livorno

A presença de judeus em Livorno talvez seja bem anterior ao Édito de Alhambra de 31 de março de 1492, mas na realidade o fenômeno se intensifica desde que o “Porto de Livre Comércio” foi estabelecido naquela cidade, recebendo uma quantidade significativa de

³ Vivere le Terre d’Acqua, texto de Federica Falchini, Valentina La Salvia & Giaele Mulinari, publicado pelo Centro Studi Turistici, Livorno, 2021, p. 11.

sefarditas da Península Ibérica. O burgo se desenvolveu consideravelmente a partir da primeira metade do século XVII, estando no comando os duques das casas dos Médicis e de Lorena. Desde finais do século XVII, Livorno torna-se importante como um porto livre, frequentado por numerosos mercantilistas e comerciantes de várias nacionalidades do Mar Mediterrâneo. Foi quando Livorno torna-se, de fato, uma Città, sem dúvida a mais cosmopolita do Mar Mediterrâneo, criando estratégias urbanas com as características de uma *urbis* multiétnica e intercultural por excelência.

Desde 1593 o Grão Duque de Livorno, Ferdinando I, estabeleceu as isenções alfandegárias, e a Lei Livornesa, no seu artigo 20, expressa muito bem a proteção especial aos comerciantes da nação hebraica. Essa Lei, há quem diga que, como eu escutei dos amigos naquele *shabat*, e outras pessoas com quem tive a oportunidade falar, foi dirigida aos judeus, bem como aos comerciantes de qualquer nação, que fossem viver em Livorno ou Pisa. O objetivo era, na realidade, aumentar a população da cidade e, ao mesmo tempo, atrair os prestigiados comerciantes judeus, oferecendo-lhes um refúgio diante das perseguições provenientes da Espanha e Portugal. Todos eles viviam livremente e podiam circular por toda a cidade sem restrições. O monumento a Ferdinando II existente na cidade, chamado de “Quatro Mouros”⁴, representa bem essa realidade de liberdade, e de um porto livre, aberto a todas as nações, uma característica importante, e eu diria, até hoje.

Interessante notar, a rede comercial que se estabelece a partir de Livorno no Mar Mediterrâneo será constituída principalmente por judeus sefarditas, na sua totalidade originários da Península Ibérica. A historiadora Francesca Trivellato (2020:22) vai chamar esse ciclo de “comércio transcultural”. Aqueles comerciantes judeus negociavam com a aprovação e protocolo estabelecidos pelos Médicis e pelos Grãos-Duques da Toscana, moldando assim uma rede comercial laboriosa e sui-generis tendo como pivô a Península Ibérica. Especialmente interessante o *modus operandi*, muito bem detalhado por Trivellato, desses judeus sefarditas na rede de negócios com não-judeus, onde a identidade é parte também das transações comerciais, e, sobretudo a pluralidade de organizações empresariais, desde empresas familiares até sociedades anônimas majestáticas, que coexistiram na moderna Europa, onde o eixo, dos comerciantes sefarditas, será entre Livorno, Amsterdã, Londres e Esmirna para citar as mais importantes redes comerciais.

⁴ Cânticos dos Cânticos, Coleção “Os Mestres do Pensamento” Dirigida por José Pérez, Edições Cultura, São Paulo, volume 38, 1944 [Fi. 3].

Pelo que podemos observar nas estatísticas, em 1601 havia apenas 114 judeus na cidade. Meio século mais tarde, já somavam 3.300 e, em 1808 eram quase 5.000. Este número crescente faz Johann Caspar, pai do famoso Johann Wolfgang von Goethe, chamar Livorno de o “Paraíso dos Judeus” (PANESSA & VACCARI, 1992, p.173). Durante as Guerras Napoleônicas, o comércio com a Inglaterra foi proibido e a economia de Livorno decaiu. Quando Livorno se tornou parte do novo Reino de Itália em 1868, a cidade perdeu o seu estatuto tradicional de "Porto de Livre Comércio" e a importância da cidade declinou ainda mais.

A sinagoga Hispano-Portuguesa de Livorno, começa a ser erguida no século XVII, mais ou menos na mesma época em que as sinagogas de Amsterdã, de Londres e a de Recife (cf. Athias, 2018). Informações históricas indicam que começou a ser construída em 1603. Inicialmente criaram uma estrutura bastante básica, modesta e sóbria; durante o século XVII, à medida que a presença judaica na cidade crescia, vão ocorrendo as ampliações. Essa *esnoga* foi eternizada com as pinturas de Solomon Alexander Hart, como o belíssimo quadro da festa de Simchá Torah em 1850 (FIG.1)

Durante minha estadia me Livorno, pude conversar com alguns judeus na sinagoga que me mostraram os objetos e as peças ainda restantes da antiga sinagoga de Livorno (FIG. 4). Todos, com quem conversei, me falavam com muita emoção enfatizando a beleza das peças talhadas em madeira, mas também o sentido simbólicos que tais objetos possuíam, e de como foram fabricados, não só do mobiliário, mas também de várias peças que ainda se pode apreciar, que se encontram no subsolo da atual sinagoga. Podemos perceber as muitas semelhanças com as sinagogas de portuguesa de Amsterdã e a hispano portuguesa da rua Bevis Mark em Londres.

Construída no século XVII e ao longo dos anos, a sinagoga foi continuamente ampliada e embelezada com a introdução de arcos (*azaroth*) à custa de generosos benfeitores com o conselho do arquiteto Giovanni Del Fantasia, superintendente das fábricas do Grão-Duque da Toscana. Posteriormente, em um projeto do escultor Isidoro Baratta, de Carrara, o *hechal* foi construído com mármore colorido e embutido, uma preciosa porta de madeira, e a *Tebá* construída em madrepérola. Esse magnífico *hechal* foi encimado por uma coroa de prata na qual foi colocado uma grande pedra de topázio. A *tebá* foi construída com os mesmos mármore preciosos, enquanto o teto foi enriquecido com estuques, decorações douradas dos quais pendiam os lustres de prata⁵.

⁵ https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187897-d8608737-Reviews-Monumento_dei_Quattro_Mori-Livorno_Province_of_Livorno_Tuscany.html

Segundo as descrições do início do século XX, era considerada a mais bela sinagoga (FIG.4) da Europa e a segunda maior depois daquela de Amsterdã. Foi devastada por ataques aéreos durante a II Guerra Mundial. Em seguida demolida para dar lugar à atual nova sinagoga, inaugurada em 1962 com um projeto modernista que evoca o sentido da presença judaica em Livorno. Fica no mesmo local do majestoso templo do século XVII. Rico em significado simbólico, o projeto é da autoria do arquiteto Angelo di Castro. A forma do edifício, com estrutura em concreto armado, é inspirada na “tenda da reunião” descrita no livro do Êxodo. A composição do desenho é rigorosamente semelhante tanto no interior como no exterior, uma forte referência ao monoteísmo judaico.

Naquele shabat eu fui recebido pelo Rabino Chefe de Livorno, Abraham Dayan (ex-rabino da sinagoga de Alexandria no Egito) que me impressionou pela sua maneira gentil e calorosa de receber as pessoas. Fiquei muito feliz de poder participar do shabat, na pequena sinagoga Lampronti, lindamente acomodada no subsolo da imponente sinagoga, criada especialmente para uso nos meses de inverno, lindamente decorada com o mobiliário da antiga sinagoga de Ferrara, que receberam de presente no início do século XVIII do rabino Isacco Lampronti. Que alegria estar sentado no mesmo banco da antiga sinagoga e participar desta shacharit Vayigash e ter o privilégio do contato direto com os objetos da antiga sinagoga que se encontram na pequena sinagoga do subsolo.

A nova e moderna sinagoga de Livorno foi inaugurada em 1962 [FIG. 5] no mesmo lugar da que foi destruída⁶. A presença judaica em Livorno, até a II Guerra teve obviamente grande importância para a cidade, inclusive para a manutenção do Bagitto (CAPPON, 2017, p.51-59), uma espécie de língua geral, muito usada durante esse período, sendo conhecida por suas misturas linguísticas. O Bagitto, na realidade, é uma língua judaica-italiana foi usada pelos judeus na Itália e na Toscana e, também na Córsega, em sentido amplo, e por que não, estrito pela comunidade de Livorno. É uma língua mista, alguns chamam de judaico-livornesa, de base muito próxima do italiano, enriquecida com componentes toscanos, espanhóis, portugueses, hebraicos, árabes e vestígios do grego e turco, com uma produção literária que também se estendeu até aos anos cinquenta do século XX.

Muito da vida judaica e da tradição sefardita de Livorno, pode ser visto no Museu Judaico, inaugurado em 1992, conhecido como Yeshivà Marini e localizado num imponente

⁶ Essas informações foram transmitidas a mim nesse shabat. São narrativas muito interessantes e ilustrativas. Fui escutado para o kidush e almoço por dois profundos conhecedores dos prédios e da vida judaica em Livorno: Gadi e Paolo que me mostravam os lindos objetos nos corredores subterrâneos da sinagoga, dizendo-me de onde teriam vindo e o que representavam para comunidade de Livorno.

prédio neoclássico do século XIX. É evidente o intuito de aproximar da história da comunidade judaica de Livorno e sua relação com o mundo sefardita. Ali se pode ver também grande documentação sobre as perseguições nazistas durante a II Guerra Mundial. Há ali uma quantidade significativa de objetos significativos da vida judaica, alguns deles levados diretamente de Sefarad (Espanha/Ibéria) durante as perseguições aos judeus nos quase 300 anos de inquisição. Também é importante a grande coleção de objetos em coral, produto de uma atividade do comércio à qual se dedicaram muitos membros da comunidade judaica de Livorno⁷.

Pessoas, conexões e redes comerciais

A lista de personalidades judias na vida social e política de Livorno é imensa. Portanto, eu não pretendo fazer aqui nenhuma lista, mas gostaria de lembrar de pelo menos três nomes importantes no mundo sefardita que foram fundamentais para as relações e redes comerciais no Mediterrâneo e no Atlântico norte.

Para quem tem a sua origem familiar em Salé no Marrocos, como a minha, nunca esquece do mundialmente famoso, conhecido Or Hahayim Hakadosh, o sábio Haim Ben Attar, importante rabino que nasceu em Salé em 1696. Ele chegou em Livorno em 1738 e, durante um período organizou um grupo de discípulos, seguindo para Jerusalém, onde fundou uma Yeshivá. O sábio (chacham) Haim Ben Attar escreveu obras abrangentes sobre diversas questões. O seu livro Hafetz, que contém comentários originais sobre o Talmud, foi impresso em 1732 e dois de seus livros: Pri To'ar, sobre o Shulchan Aruch e Or HaHaim, os seus comentários sobre a Torá, foram também impressos em Livorno. O seu livro Or HaHaim tornou-se particularmente muito popular entre os Hassidim, que adicionaram “HaKadosh” ao seu título. Ele também é o autor de Rishon LeZion, volume de comentários sobre os livros de Profetas e Escritos. Haim Ben Attar faleceu aos 47 anos, em 15 de Tammuz 5503, (1743) e foi sepultado no Monte das Oliveiras em Jerusalém.

Outra importante personalidade que quero lembrar aqui foi Sir Moses Haim Montefiore (FIG.6), no meu entendimento, o protótipo dos benfeitores sefarditas. Ele nasceu em Livorno em 1784 de uma família sefardita que adotou o nome do local de Montefiore dell’Aso no

⁷ Ali são conservadas e exibidas imagens e fotografias antigas da comunidade, entre elas uma belíssima imagem de Sir Moses Haim Montefiori, que me lembrou aquela da sinagoga Bevis Marks em Londres. Depois da Minchá, nós continuamos a nossa conversa durante a seudah shelishit.

Piceno. O seu avô Moses Vito (Haim) Montefiore, emigrou de Livorno para Londres na década de 1740, mas manteve contato próximo com a cidade de Livorno, onde tinha negócios e, ainda mantinha uma rede comercial. Sir Montefiore nasceu enquanto seus pais, Joseph Elias Montefiore e sua jovem esposa Rachel, filha de Abraham Mocatta, um poderoso corretor de ouro de Londres, viajavam a negócios em Livorno. Ele foi o primeiro filho deles. Sir Montefiore acumulou sua fortuna como banqueiro em Londres. A rainha Vitória fez dele um Barão. Depois de se aposentar dos negócios em 1824, ele se dedicou à filantropia e pelo resto de sua longa vida esteve muito presente no desenvolvimento da Sinagoga Hispano-Portuguesa de Londres, da rua Bevis Marks. O Rabino Shalom Morris, da Sinagoga desta sinagoga, tem vários episódios escritos da vida de Sir Montefiori, bem como de sua esposa Judite Montefiori⁸.

Mas, aqui também eu gostaria de fazer referência a outro personagem importante na rede comercial de Livorno, chamado Jasach Attias, comerciante judeu pertencente a uma das famílias mais importantes de Livorno. A *The Jewish Encyclopedia*, Volume 2 página 268, informa que Córdoba (na atual Espanha) é o lugar central onde se encontravam os Attias, bem como o ponto de dispersão para a diáspora dessa imensa família. Esse nome será transliterado, no mundo ocidental, das seguintes maneiras: Atias, Atya, Athias, Attia, e, pode-se encontrar a mesma variação também na língua hebraica. Evidentemente, eu me interessei muito em conhecer essa personalidade marcante de Livorno, por ter o mesmo sobrenome que o meu. E, quem sabe, seguramente, poderia ser um de meus antepassados. Segundo os comentários ao meu pedido de informação, durante aquele shabat, vários me informaram que ele foi um “influente comerciante judeu e chegou até a ser conselheiro político do Grão Duque da Toscana”.

De fato, são muitos os Attias que se cruzam nessa mesma época, seja em Amsterdã, Livorno e em Recife, antes mesmo de chegarem na Amazônia no século XX. O prof. José Antonio Gonsalves de Melo (1996:274, 307) vai assinalar quatro deles que estavam presentes na formação da Congregação Kahal Zur Israel no século XVII: José, Jacó, Isaac e Davi, seguramente esses estarão na rede internacional do comércio do Açúcar, ligados portanto à Companhia das Índias Ocidentais, presente no Recife de 1621 a 1654. Antes de se deslocarem para o Caribe e América do Norte.

⁸ Uma narrativa muito saborosa e sobretudo informativa sobre a história da sinagoga de Livorno presente na tradição oral das pessoas que a frequentam. Fomos ainda conversando para um café logo depois da Havdalah e da Birkat Levaná, eu aprendi muito e pude perceber o sentido do “Reenquadramento” (Reframing) denominado assim pelo Rabino Jonathan Sacks, em comentários sobre Vaygash de 2015.

A maneira como Francesca Trivellato, informa em seu livro os nomes dos comerciantes da família Attias, como sendo central numa importante rede de comércio em Livorno. O mesmo se dá com a informação presente na *The Jewish Encyclopedia*, onde Jossef Attias será mencionado como tendo lugar importante na produção gráfica de Amsterdã, e que certamente terá relação com as produções em Livorno, uma vez que as redes comerciais entre essas cidades existiram de fato, e, havia certamente uma comunicação entre elas tal, como informa Trivellato. A pesquisadora menciona os nomes dos demais membros da família Attias no conjunto da rede comercial em Livorno (Trivellato 2020: 418-432).

Jasach Attias (CECCARINI, 2012, p 6-7) possuía uma mansão (FIG.7), famosíssima em Livorno⁹, conhecida como Villa Attias de origem seiscentista, construção imensa que sobreviveu até os anos 1960, cujo terreno se transformou, na atual Piazza Attias. Trata-se de uma das atrações urbanas, que desde de 2012 tem seu desenho modificado, quando a mansão foi demolida, e foi construído um estacionamento no subsolo da atual *piazza* [FIG.8]. Os amigos naquele shabat, me informam que a referida praça é muito apreciada pela juventude, que fez dela um lugar de encontro na cidade, semelhante a outro ponto de encontro, em Paris, Place Saint Michel, também notável pelo cosmopolitismo. Na noite do Ano Novo de 2023 eu fui passear na Praça da República, e ver os fogos de artifícios. Pessoas alegres, soltando seus fogos e falando alto, e pude perceber as diversas línguas que estavam sendo faladas, além do Italiano, na alegria da passagem do ano de 2022 para o 2023, constatei que realmente, Livorno é muito cosmopolita, multiétnica, pluricultural. Tal como o Grão Duque da Toscana Ferdinando I, vislumbrara na Lei Livornesa.

Referências Bibliográficas

ANDREATTA, Michaela. *The Printing of Devotion in Seventeenth-Century Italy: Prayer Books Printed for the Shomrim la-Boker Confraternities*, in: *The Hebrew Book in Early Modern Italy, 156-170*. Edited by Joseph Hacker and Adam Shear. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011.

ATHIAS, Renato. 2018. *Memory and Architectural Preservation of the First Synagogue in the Americas*, in: KESSELER, K., KNUFINKE, U., VON KIENLIN, A., e WEBER, A. Synagogue

⁹ *Shalom Says Hello*, disponível em: <<https://shalommorris.com/2016/05/05/montefiore-and-the-splitting-of-the-sea/>>.

and Museum. Braunschweig: Bet Tfila & Pertersbeg: Michael Imhof Verlag, 2018, pp 75–86. ISBN: 9783731907947.

BREGOLI, Francesca. *Hebrew Printing in Eighteenth Century Livorno: from Government Control to a free market*, in: HACKER, Joseph and SHEAR, Adam. *The Hebrew Book in Early Modern Italy*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, Cap 9.

CAPPON, Anna Sulai. *El bagitto: la lengua ibérica sefardí de la comunidad livornesa y confluencias en la haketía norteafricana e hispano-americana*, in: *El español y su dinamismo: redes, irradiaciones y confluencias*, 2017 pp. 51–69.

CECCARINI, *L'Attias ieri e oggi*, in: “Il Pentagono”, n. 2, febbraio/marzo 2012, pp. 6–10.

CASSUTO, Alfonso (1930). *Elementos para a história dos judeus portugueses de Hamburgo*. Lisboa: Publicações do Hehaber, 1930.

KOREN, Nimrod Etsion. (2018). *Os judeus de Livorno na Tunisia*. Revista Morashá 102, p. 34–41.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Gente da Nação: Cristão-Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Recife: Editora Massangana, 1996.

PANESSA, G.& O. VACCARI, Livorno. *Il primato dell'immagine*, Editora Pacini, 1992, pp. 58–64.

SACKS, Jonathan, (2015). *Reframing in:*

<https://www.rabbisacks.org/covenant-conversation/vayigash/reframing/>

TRIVELATO, Francesca. *Familiaridade entre estranhos — A diáspora Sefardita e o comércio transcultural na idade Moderna*. Lisboa: Edições 70, 2020.

Anexo - Imagens

FIG. 1



FIG.3

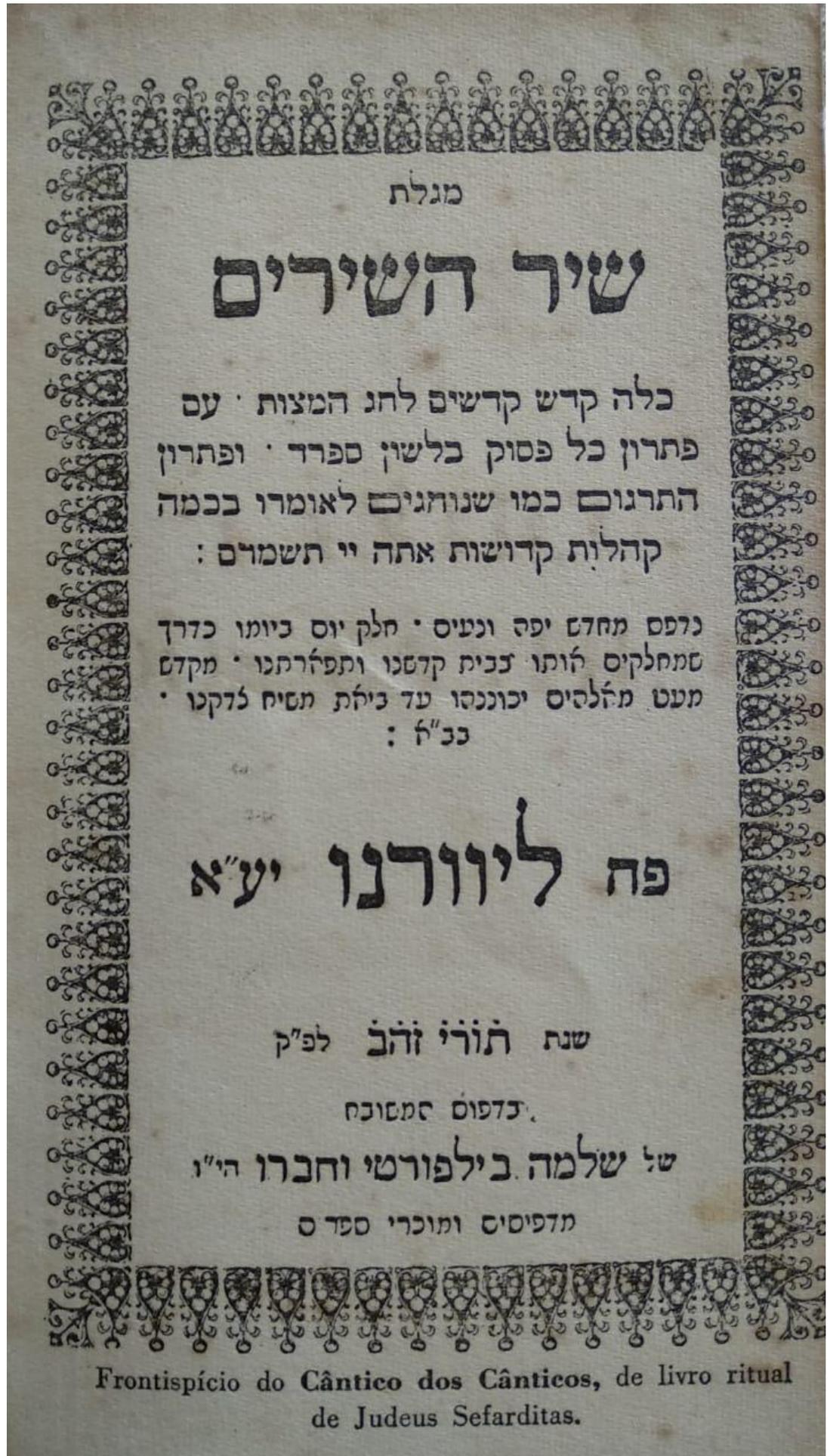


FIG.4

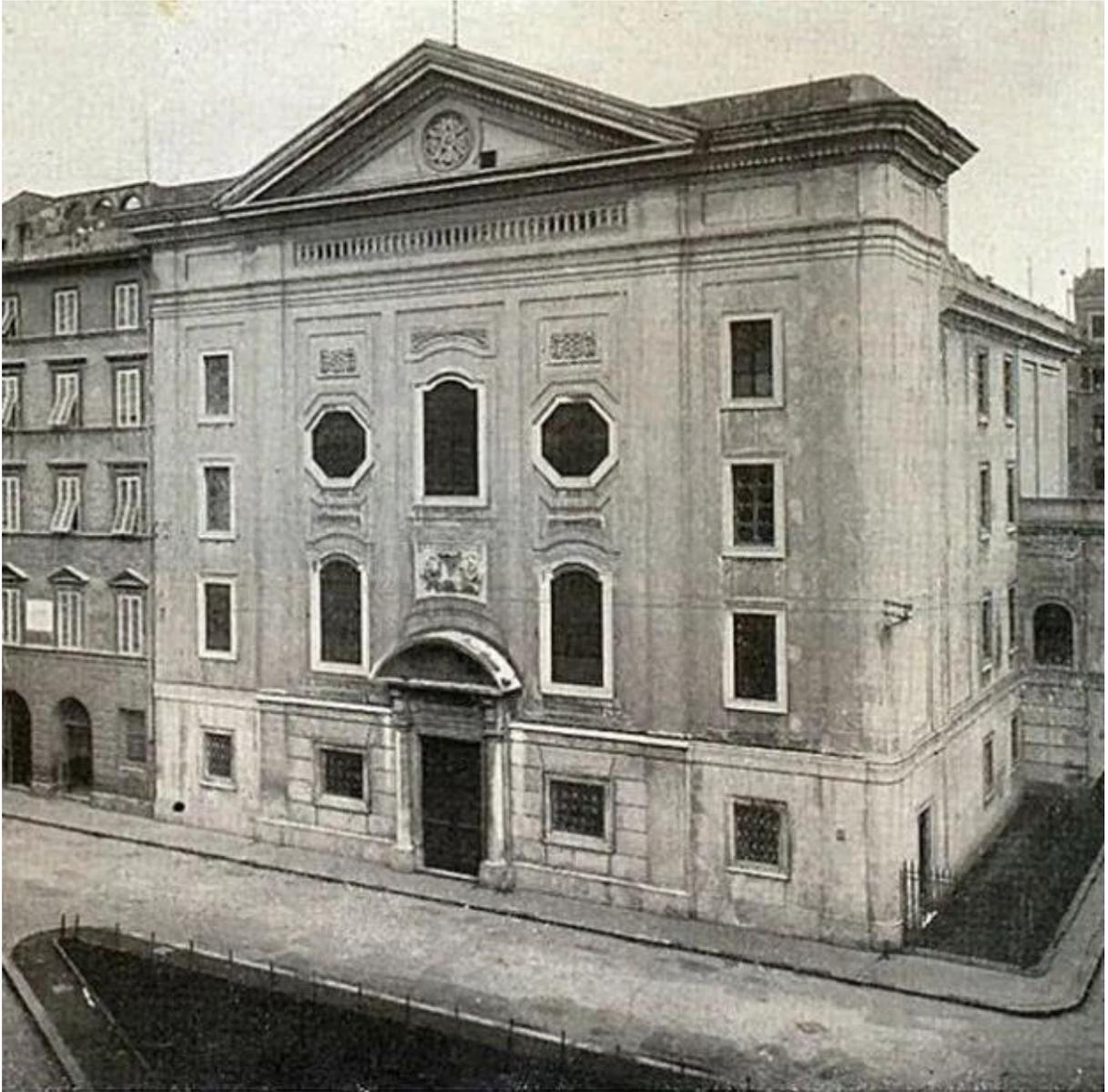


FIG. 5

Foto: Athias, 01.01.2023



FIG. 6



FIG. 7



FIG. 8

